



CAMPANHA BOLSONARO 17: EFEITOS DO DISCURSO RELIGIOSO NO DISCURSO POLÍTICO¹

Karine Rios de Oliveira Leite¹

Thiago André Rodrigues Leite², Ana Carolina Franco Silva³, Denilson Alves Pereira⁴,
Maria Clara Pereira Nóbrega⁵

¹Instituto Federal de Goiás / karine.leite@ifg.edu.br

²Instituto Federal de Goiás / thiago.leite@ifg.edu.br

³Instituto Federal de Goiás / anacarolina.franco51@gmail.com

⁴Instituto Federal de Goiás / dd8444.da@gmail.com

⁵Instituto Federal de Goiás / clarotamari@gmail.com

Resumo:

No cenário político atual, avolumam-se dizeres políticos atravessados pelo discurso religioso. Esse atravessamento não se trata de ocorrência recente, mas remonta ao próprio surgimento do Estado Moderno. Nas condições de produção em que (in)surge, o atravessamento em tela, nos dizeres da Campanha Bolsonaro 17, em 2018, suscita a emergência de diferentes efeitos de sentido, o que nos permite afirmar que este artigo se justifica por fomentarmos formas menos automatizadas de recepção dos dizeres políticos e estimularmos a criticidade para a análise de efeitos de sentido que o discurso religioso no discurso político pode colocar em circulação. Desse modo, objetivamos analisar esses possíveis efeitos, quando, em dizeres políticos proferidos pelo candidato Jair Messias Bolsonaro à presidência, há o atravessamento pelo discurso religioso. Para a realização deste trabalho, sob o escopo da Análise de Discurso (AD), baseamo-nos em Pêcheux (1993) e Orlandi (2003), valendo-nos também de teorizações de Foucault (1995).

Palavras-chave: Discursos. Atravessamentos. Efeitos.

Introdução

O Estado é referido por Michel Foucault (1995) como um dos maiores representantes das instituições subjetivadoras, ocupando um lugar de destaque na configuração de relações de poder. O Estado Moderno, segundo esse autor, estrutura-se com a (atu)ação do “poder pastoral”, expressão usada por ele para se referir a uma tecnologia de poder originada em instituições cristãs, que promoveria a salvação da alma, porém, numa nova forma, qual seja, política, promovendo também a salvação "mundana". Apesar de, muitas vezes, discreto, o exercício de poder se faz sentir/perceber discursivamente e também discursivamente se

¹ Este artigo científico é resultado de Pesquisa de Iniciação Científica no Ensino Médio (PIBIC-EM), realizada no Instituto Federal de Goiás (IFG), Câmpus Águas Lindas, com fomento de bolsa pelo CNPq, durante o período de 2019/2020.

realiza. Tal compreensão permite-nos afirmar que, no cenário político atual, avolumam-se dizeres políticos atravessados pelo discurso religioso. Esse atravessamento não se trata de ocorrência recente, mas remonta ao próprio surgimento do Estado Moderno.

Nessa perspectiva, o atravessamento discursivo em questão avultou-se, de modo especial, em 2016, no cenário de construção do *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, período em que foi recorrente a alusão à religiosidade como forma de justificar o voto favorável a sua saída do cargo presidencial, recorrendo-se à família, a Deus, aos “valores cristãos”, etc. Relacionados a isso, circulavam dizeres sobre o suposto caos instaurado no Brasil sob a governança do Partido dos Trabalhadores (PT), o qual passava a figurar, assim, como um Partido de pessoas sem valores, ligadas a roubo, corrupção, irresponsabilidade fiscal, entre outras representações depreciativas.

Nas condições de produção em que (in)surge, o atravessamento em tela, nos dizeres da Campanha Bolsonaro 17, em 2018, suscita a emergência de diferentes efeitos de sentido, o que nos permite afirmar que este artigo se justifica por fomentarmos formas menos automatizadas de recepção dos dizeres políticos e estimularmos a criticidade para a análise daquilo que o discurso religioso no discurso político pode colocar em circulação. Sob o escopo da Análise de Discurso (AD), baseamo-nos nos pensamentos de Pêcheux (1993) e de Orlandi (2003), valendo-nos também de teorizações de Foucault (1995). Desse modo, objetivamos analisar possíveis efeitos de sentido, quando, em dizeres políticos proferidos pelo candidato Jair Messias Bolsonaro à presidência, há o atravessamento pelo discurso religioso. Em outras palavras, (in)tentamos compreender esses efeitos relacionados ao deslocamento de dizeres de um espaço discursivo a outro (do religioso para o político) em vídeos da Campanha.

O discurso religioso e o discurso político

Para reflexões iniciais, pautamo-nos em Orlandi (2003, p. 86), acerca do funcionamento discursivo, especialmente quanto ao discurso autoritário, “aquele em que a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando também sua relação com o interlocutor”, e quanto ao discurso polêmico, no qual “a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos”.

A partir dessas caracterizações, concebemos o discurso religioso como tendo funcionamento predominantemente autoritário², constituindo-se de dizeres cristalizados, dogmas, rituais.

Segundo Orlandi (2003, p. 87), nossa sociedade, por sua constituição, organização e funcionamento, “tende a produzir a dominância do discurso autoritário”, configurando-se o discurso polêmico “como uma prática de resistência e afrontamento”. O discurso político parece-nos predominantemente constituído pelo discurso polêmico, funcionamento discursivo em que há abertura à polissemia, sem que isso se configure como dominante, pois, no discurso polêmico, oscila a tendência entre a paráfrase e a polissemia³.

Para fins de análise, consideramos vídeos diretamente relacionados ao pleito eleitoral de 2018, o que não se constituiu procedimento metodológico meramente cronológico, mas pensando o funcionamento do período eleitoral, processos discursivos regulares nas práticas relacionadas a esse período, as condições de produção – que alinhavam o social ao linguístico – desse cenário eleitoral e, sobretudo, o atravessamento do discurso político pelo discurso religioso.

Constituição do *corpus* e construção da metodologia de análise

Para a seleção do nosso material de pesquisa/análise e composição do *corpus*, foram analisados dizeres em vídeos do canal “Jair Bolsonaro”, disponíveis no *Youtube*. Para a realização deste trabalho, foram analisados os seguintes vídeos: a) 01: “Via transmissão de celular, Bolsonaro fala com população na Av. Paulista”; b) 02: "Jair Bolsonaro visita Dom Orani Tempesta, Cardeal e Arcebispo do Rio de Janeiro!"; c) 03: "Entrevista Rádio Guaíba - RS (23/10/2018) - temas da semana"; d) 04: “Chegamos na reta final. Vamos dar o último gás combatendo, COM A VERDADE, as mentiras do PT!”.

Metodologicamente, empreendemos a descrição-interpretação do nosso material de análise, reconhecendo que, sobre ele, estamos imprimindo olhares teóricos, e, conseqüentemente, interpretações, as quais procuramos sustentar e descrever

² Lembrando que, conforme Orlandi (2003, p. 87), “não há nunca discurso puramente autoritário, lúdico ou polêmico. O que há são misturas, articulações, de modo que podemos dizer que um discurso tem um funcionamento dominante autoritário, ou tende para o autoritário (para a paráfrase) etc.”.

³ Para Orlandi (2003, p. 38), “a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer”.

linguisticamente. Assim, como procedimento metodológico, focamos a seleção de termos e expressões recorrentes no espaço discursivo religioso, não somente do signo “Deus”, uma das principais formas de identificação do atravessamento do discurso político pelo discurso religioso, mas de todo e qualquer termo ou expressão que remete à esfera religiosa.

Outro procedimento decorrente desse é o recorte de usos da primeira e da terceira pessoas (do singular e do plural), pela relação com o modo como dizeres do candidato projetam representações de si na campanha eleitoral e, em contrapartida, projetam representações acerca de seu(s) adversário(s), haja vista que muitas dessas representações⁴ (de si e do outro) mostram-se ligadas ao aspecto religioso. Trata-se, logo, de uma abordagem associativa que relaciona os termos e as expressões do campo discursivo religioso a outros que aparecem no discurso político, como, por exemplo: “eu” associado a “cristão”, “homem de família”, “família brasileira”, etc.

O recorte de termos e expressões do campo discursivo religioso é um procedimento metodológico, porém são pensados na relação com dizeres, sendo esse também outro procedimento utilizado em nossas análises. Por isso, embora o foco recaia sobre os termos ou as expressões (parte), eles são analisados com base em todo o enunciado, com outro(s) enunciado(s), em recortes maiores, porque os termos e as expressões podem significar diferentemente, permitirem efeitos de sentido diversos e adversos em um e/ou outro uso, na relação com outros dizeres, de forma que não nos restringimos, em última instância, ao aspecto lexical.

Associamos o objeto de estudo deste trabalho, o atravessamento do discurso político da Campanha Bolsonaro 17 pelo discurso religioso, à presença do poder pastoral no Estado Moderno Ocidental, poder esse, conforme Foucault (1995, p. 238), que tem como uma de suas atribuições assegurar a salvação no pós-morte, sendo acrescida uma forma moderna de assegurá-la também neste mundo, materialmente, provendo “saúde, bem-estar e segurança”, por exemplo. O discurso dessa campanha parece associar-se a ambos: há tanto o apelo de que apoiar o candidato significaria o retorno ao mundo cristão, ou seja, ao mundo “do bem”, “da

⁴ Sendo o discurso, para Pêcheux (1993, p. 82), não a transmissão de informações de A para B, mas “‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B”, sendo esses pontos diferentes “da presença física de organismos humanos individuais”, e sim “lugares determinados na estrutura de uma formação social”, estão designados, nos processos discursivos, “os lugares que A e B atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. Assim, interpelados pela linguagem, conforme as redes de memória que os constituam, serão construídas imagens, representações de si e do outro, sendo estas (re)produções linguageiras, construções que se realizam discursivamente.

família”, aproximando seus apoiadores de um paraíso; quanto há a ideia de que ser a favor de Bolsonaro significaria tê-lo diretamente defendendo, em seu mandato, os interesses do cidadão honesto e benfeitor, zelando por seus direitos.

Análise discursiva: do efeito divisor ao de chantagem

Como condições de produção dos dizeres da Campanha Bolsonaro 17, há a circulação/discursivização de uma imagem/representação de um Brasil arrasado pelo governo do PT, de modo que caberia a um “escolhido” a missão de resgatar, recuperar o país do caos. Em meio a uma possível atmosfera de descrença e desesperança com esse governo/partido, há o anseio por uma mudança, mais especificamente através de representante político que não fosse “corrupto”, que representasse a “família brasileira”, a família dita “tradicional” e seus valores, notadamente cristãos, como podemos vislumbrar nestes dizeres do vídeo 03:

Quem jogou a bíblia no lixo foi o Haddad, né, em Fortaleza, não foi eu não. Ele, inclusive, ele é uma pessoa que não comunga com nenhum princípio religioso, muito menos a sua vice, que é do Rio Grande do Sul, do PCdoB, e foi receber a hóstia numa igreja. Isso é mentira, isso é enganação, isso é embrulhação. [...] Então, houve sim, existiu esse programa de combate à homofobia que, na verdade, estimulava precocemente o sexo homo entre as criancinhas. (Grifos nossos)

Em oposição ao “eu”, as imagens de seus principais adversários na ocasião (mencionados em “Haddad”, “ele”, “sua vice”) estariam associadas a práticas que comprometeriam os valores cristãos (“jogou a bíblia no lixo”, “não comunga com nenhum princípio religioso”, “foi receber a hóstia numa igreja. Isso é mentira, isso é enganação, isso é embrulhação”), ou seja, são atravessamentos de dizeres políticos pelo discurso religioso. Vejamos o que está presente também nos seguintes dizeres do vídeo 04:

O Brasil é um país cristão. O candidato do PT, Fernando Haddad, após receber de presente uma bíblia simplesmente a jogou no lixo, zombando da nossa fé. Haddad responde a mais de 30 processos na justiça. A grande maioria por corrupção. [...] Esse candidato, Fernando Haddad, é inimigo da família brasileira. (Grifos nossos)

O forte apoio ao candidato por grandes líderes religiosos, em muito, parecia

contribuir para a compreensão do voto em Bolsonaro como a única esperança para a “salvação” da realidade brasileira, o que indicia o funcionamento do poder pastoral, pensando-o do ponto de vista do estabelecimento de garantias para a salvação (i)material. Por efeito, discursivamente, não votar no “messias” poderia ser interpretado como a negação ao bom desenvolvimento do país e, especialmente, às vontades divinas em si, já que “O Brasil é um país cristão” e, por conseguinte, seria o apoio a alguém que é “inimigo da família brasileira”.

No vídeo 01, publicado na semana anterior às eleições de segundo turno, endereçando-se à população na Avenida Paulista que apoiava o então candidato Bolsonaro, podemos interpretar a construção discursiva de um país dividido: “Nós somos a maioria. Nós somos o Brasil de verdade. Junto com esse povo brasileiro, construiremos uma nova nação”. Considerando as condições de produção, especialmente o fato de ser um discurso proferido após o resultado do primeiro turno, a expressão “a maioria” poderia ser compreendida como eleitores e/ou apoiadores de Bolsonaro ou mesmo como aqueles que não votaram no candidato que lhe representava uma oposição mais efetiva, no caso, Haddad.

Ademais, ao encadear ao período “Nós somos a maioria” o período “Nós somos o Brasil de verdade”, haveria uma valoração, por meio da locução adjetiva “de verdade”, reforçando o efeito divisor, pois haveria o Brasil “falso”, aquele apoiador de valores anticristãos. Em outras palavras, haveria o não dito⁵ de que os brasileiros que são a maioria (sejam eleitores de Bolsonaro, sejam eleitores de outros candidatos ou simplesmente opositores a Haddad) são os que compõem o “Brasil de verdade”, de forma que todos os outros que não pertencem a essa “maioria” seriam, por oposição, um “Brasil de mentira” ou “de mentiras”, coadunando com certa representação acerca do governo que o antecedeu, endossando o discurso de que o Brasil seria uma espécie de Cuba, isto é, um país com cores vermelhas, cores “falsas”, não representantes das verdadeiras cores “verde e amarelo” e das virtudes a que essas cores estariam associadas.

O efeito divisor reaparece na expressão “esse povo brasileiro”, mais especificamente em “junto com esse povo brasileiro, construiremos uma nova nação”. Ao dizer “esse povo” (com o pronome demonstrativo “esse”, em função anafórica, referindo-se àqueles que constituem o “nós”, “a maioria”) e não “o povo todo”, seria possível interpretarmos o

⁵ Segundo Orlandi (2003, p. 82), podemos compreender discursivamente a noção de não dito como “subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se”. Para a autora, “ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam”.

(re)corte de um fragmento de um diversificado conjunto social, uma categoria à parte, uma facção “superior” da sociedade. Em vez de ser mencionada a expressão “o povo”, a qual remeteria a uma maior amplitude/abrangência ao falar sobre os brasileiros, foi usada a expressão “esse povo”, ou seja, apenas aqueles que comporiam o “Brasil de verdade”, os “escolhidos”, o que pode significar estar ao lado do candidato em questão e/ou opor-se a Haddad. Assim, os dizeres analisados poderiam ser compreendidos como certa afirmação de que não seria problemática a ideia de considerar apenas parte da sociedade ao construir “uma nova nação” quando no cargo da Presidência da República, nação essa de gente representada como “fiel”, “honesta” e “de família”. Esses efeitos de sentido também podem ser construídos a partir de dizeres do vídeo 02:

Primeiro *eu* quero agradecer a *Deus* por tudo que aconteceu na minha vida até o momento. Agradecer a Dom Orani pela oportunidade de *estar* aqui. *Vim* muito mais para ouvi-lo do que para falar. [Nós] *Assinamos* um compromisso em *defesa da família*, em defesa da inocência da criança em sala de aula, em defesa da *liberdade das religiões*, contrário ao aborto, contrário à legalização das drogas, ou seja, um compromisso que está no coração de *todo brasileiro de bem*. (Grifos nossos)

Os usos da primeira pessoa do plural podem tanto se referir ao próprio Bolsonaro, como um plural de modéstia, haja vista, inclusive, a oscilação entre esse uso e o da primeira pessoa do singular, quanto podem referir-se a ele e Dom Orani; mas também, de modo ampliado, a ele e seus eleitores e/ou apoiadores. A propósito dessa oscilação entre as pessoas verbais, podemos interpretá-la como um imbricamento entre quem seria o candidato e quem seriam o “nós”, como se estes fossem uma extensão daquele, como se estivessem imiscuídos, não havendo limites precisos entre um e outro, sendo as virtudes de um as de outros. Pelos dizeres analisados, o candidato e seus apoiadores seriam a representação de “defesa da família”, de “todo brasileiro de bem”, que não concordaria com o aborto, com as drogas; ao passo que haveria o não dito de que todos os demais seriam a favor disso.

Nos dizeres do vídeo anterior, é possível percebermos também efeito divisor quando o candidato, ao falar sobre o respeito às liberdades religiosas, parece apresentar-se como apoiador de uma vertente específica, defendendo valores supostamente de apenas certa estrutura familiar. Embora não tenha afirmado esse apoio explicitamente, podemos vislumbrar isso a partir de seus dizeres, especialmente pelo uso do signo linguístico “Deus” e por sua presença junto a uma entidade religiosa cristã (Dom Orani). Cabe destacarmos que o signo

“Deus” acionaria efeitos de sentido não previstos, não esperados e até não autorizados no espaço discursivo político, posto que o Estado é (deveria ser) laico. Mas, no Estado Moderno, conforme postulado por Foucault (1995), o poder pastoral alcança também o âmbito político.

O efeito divisor analisado culminaria em efeito de chantagem, de modo que, se alguém quer ter seus direitos resguardados e ser atendido pelo governo, tendo garantias de sua salvação material e até imaterial, isto é, (i)material, precisaria votar em Bolsonaro. Se alguém não quer ser representado como não sendo do “Brasil de verdade” e/ou como todos os outros que se enquadrariam “do outro lado”, precisaria votar nesse candidato, especialmente como forma de garantir a (re)construção de “uma nova nação”, pautada em valores cristãos.

A menção a “uma nova nação” parece sinalizar a ideia de promoção de mudanças no país, devido à presença do adjetivo “nova”, operando o não dito de que o cenário do Brasil de então seria aquele arrasado pelo PT, reforçando a ideia de necessidade de imperiosas reformas a serem realizadas por alguém, uma espécie de “messias”, capaz de “salvar” o país, dar um rumo (“cristão”) à nação. A ideia de construir essa nação parece associar-se à promessa de salvação (i)material “de todo brasileiro de bem”, o que também pode ser vislumbrado nos dizeres seguintes do vídeo 01:

Perderam ontem, perderam em 2016, e vão perder semana que vem de novo. Só que a faxina agora será muito mais ampla. Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão pra fora, ou vão pra cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria. (Grifos nossos.)

A partir desses dizeres, compreendemos, discursivamente, que aqueles que não são da “turma” do presidente seriam possivelmente da “turma” do PT (“essa turma”) e, portanto, deveriam ser submetidos à “faxina”. Emerge o efeito de chantagem, como ameaça (velada?) de exclusão, de modo que os eleitores, para não serem “jogados fora” do governo, ou para não terem seus direitos “jogados fora”, deveriam, pois, votar em Bolsonaro.

No excerto anterior, há o uso de verbos na terceira pessoa do plural para referir aos que “perderam ontem, perderam em 2016, e vão perder semana que vem de novo”. Ao relacionarmos os empregos da terceira pessoa às expressões utilizadas posteriormente, podemos pensar sobre a tentativa de enquadrar todo e qualquer opositor como candidato, representante, eleitor ou apoiador do PT, uma afronta ao “cidadão de bem”, posto que foram ditas, em seguida, as expressões “essa turma”, “esses marginais vermelhos” (pela referência à

cor vermelha, representativa do PT, por exemplo). O efeito de chantagem parece acirrar a divisão produzida em certos dizeres de campanha do candidato.

Com o uso da expressão anafórica “essa turma”, por meio do pronome demonstrativo “essa”, tal expressão sinalizaria que a turma referida seria, logo, aquela que perdeu; aquela que seria expurgada/banida quando submetida à “faxina” (iniciada em 2016), posto que seria o “lixo” a ser jogado fora. A forma como se refere aos opositores (haveria o equívoco de estar referindo-se aos políticos opositores e a seus eleitores; ou somente a estes, ou somente àqueles) parece significar que seus “inimigos” devem ser ignorados, excluídos, “banidos de nossa pátria”.

Ao falar sobre seus rivais como perdedores, associando-os a uma “faxina”, os dizeres do candidato parecem representar Bolsonaro como aquele capaz de salvar o país (material e imaterialmente), tirando o poder das mãos do PT, ao qual atribui a responsabilidade pela frequentemente discursivizada situação de crise no país na época e/ou pela desvalorização e deturpação da moral cristã-conservadora. Assim, ao se falar em “Bolsonaro”, estar-se-ia falando de “cristão”, de oposição ao mal, ao aborto, às drogas e, logo, ao PT e a toda ameaça que esse partido representaria e causaria. Essas representações (as possíveis virtudes do candidato e a possível ausência delas em seus opositores), pela via do dito e do não dito, parecem se estender aos apoiadores de um e de outro lado, qualificando-os, especialmente com os empregos dos pronomes e dos verbos na primeira pessoa do plural no seguinte trecho do vídeo 01:

Nós acreditamos no futuro do nosso Brasil, e, juntos, em equipe, construiremos o futuro que nós merecemos. Temos o melhor povo do mundo, a melhor terra do planeta, e vamos, com essa nova classe política, construir, realmente, aquilo que nós merecemos. [...] Ninguém vai sair dessa pátria porque essa pátria é nossa. Não é dessa gangue que tem uma bandeira vermelha e tem a cabeça lavada. Sem indicações políticas, faremos um time de ministros que realmente atenderá as necessidades do nosso povo. (Grifos nossos.)

Entendemos que há usos da primeira pessoa do plural para se referir a si próprio, mas também para se referir a seus apoiadores, permitindo significar que esse candidato estaria colocando-se na posição de um líder político que governaria junto a seu povo (“nosso povo”), apontando para a ideia de um governo democrático e unido. Porém, permite interpretarmos também um compartilhamento de responsabilidades, de modo que, se algo não ocorra

conforme o esperado, seria por falta de apoio, pela indevida dedicação de seus correligionários... Tal funcionamento parece-nos similar a certos dizeres religiosos, segundo os quais, se um fiel não recebeu determinada bênção, é porque não cumpriu devidamente seu papel como cristão.

Considerações finais

A partir das regularidades discursivas identificadas e analisadas, é possível pensarmos que o atravessamento no discurso político pelo discurso religioso na Campanha Bolsonaro 17 reflete o funcionamento do poder pastoral, o qual uma população amplamente cristã, como a brasileira, tem como lugar-comum, tendo-o experienciado não só em âmbitos religiosos. Esse atravessamento tem como principal desdobramento o efeito divisor, que, realizando-se discursivamente de diversas formas, recorta a população brasileira, contemplando uns e marginalizando outros, entendendo o ato de marginalizar tanto como “incriminar”, “criminalizar”, quanto como “colocar à margem”, “relegar”, “esquecer”, “excluir”, enfim, “diminuir”. Logo, os efeitos desse atravessamento discursivo reforçam o discurso divisor próprio do discurso religioso (e também do discurso político).

Migrando do espaço discursivo religioso para o espaço político, termos como “Deus” poderiam sofrer uma abertura ao sentido, perdendo dominância de paráfrase. Entretanto, pelos efeitos de sentido interpretados, notamos ocorrer o contrário. O efeito divisor do discurso político é acentuado pelo efeito divisor do discurso religioso, e aquele passa a ser “portador” de efeitos associados ao religioso: não precisa ser discutido, sustenta-se por si só, é a “verdade” por ser divino e cristão, não sendo cabível questionar, discutir, apresentar para críticas, etc., não sendo passível de questionamentos, como se tendesse à monossemia, como se fosse paráfrase, por exemplo, de dizeres bíblicos e/ou de grandes líderes religiosos.

O atravessamento discursivo aqui analisado parece trazer o caráter dogmático do discurso religioso para um campo de luta de sentidos, como seria o do discurso político. Assim, são agregadas a este características daquele, como o valor de verdade incontestável, o dogmatismo e, conseqüentemente, a inquestionabilidade, e, até mesmo, o ritual, tanto que muitos vídeos são encerrados com o seguinte dizer: “Fiquem com Deus”, uma espécie de fechamento da homilia: “Ide em paz e que o Senhor voz acompanhe”!

Referências

Bolsonaro no SBT: temas da semana. - (09/10/2018) Disponível em: <
<https://www.youtube.com/watch?v=Wl6Z8OI2TXI>> Acesso em: 15 abr. 2020.

Chegamos na reta final. Vamos dar o último gás combatendo, COM A VERDADE, as mentiras do PT! - (26/10/2018) - Disponível em: <
https://www.youtube.com/watch?v=F_v2auHWk8I> Acesso em: 23 abr. 2020.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

Jair Bolsonaro visita Dom Orani Tempesta, Cardeal e Arcebispo do Rio de Janeiro! Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=2tNtqu28Mzs>> Acesso em: 19 mai. 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos.** 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso.** In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

Via transmissão de celular, Bolsonaro fala com população na Av. Paulista. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=H9wxneOnIOI>>. Acesso em: 14 mai. 2020.